

UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ARAGUAÍNA-UNIDADE CIMBA
LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA

DAYANA PEREIRA DOS SANTOS

**A MANIFESTAÇÃO NATALINA NO ESPAÇO URBANO DE ARAGUAÍNA - TO: a
paisagem na Praça São Luis Orione de 2013 a 2015**

ARAGUAÍNA-TO
2016

DAYANA PEREIRA DOS SANTOS

**A MANIFESTAÇÃO NATALINA NO ESPAÇO URBANO DE ARAGUAÍNA - TO: a
paisagem na Praça São Luis Orione de 2013 a 2015**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao curso de Geografia da
Universidade Federal do Tocantins para
obtenção do grau de Licenciatura Plena em
Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Jean Carlos Rodrigues

Araguaína-To
2016

DAYANA PEREIRA DOS SANTOS

A MANIFESTAÇÃO NATALINA NO ESPAÇO URBANO DE ARAGUAÍNA (TO): a paisagem na Praça São Luis Orione (2013 a 2015)

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Geografia da Universidade Federal do Tocantins para obtenção do grau de Licenciatura Plena em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Jean Carlos Rodrigues

Aprovada em: ____ / ____ / ____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Jean Carlos Rodrigues (Orientador)

Prof. Ms. Fátima Maria de Lima (Examinadora)

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente ao meu Deus, por me dar força de continuar e me proporcionou a oportunidade de concluir minha graduação. Aos meus pais amados, Arlindo e Deuzenir, que sempre me incentivaram e não mediram esforços para que eu estudasse e aprendesse, e que fizeram o possível para que pudesse ter condições de alcançar o conhecimento, através da educação, muito do que sou é por causa de vocês.

À minha irmã Brenna pelo apoio nos meus diálogos sobre o tema quando estava desenvolvendo a pesquisa e me dizendo que eu ia conseguir. Ao meu irmão e colega de curso André, por esses longos anos, onde nós enfrentamos barreiras pelo caminho e ultrapassamos juntos, aprendemos e compartilhamos de um imenso desejo de nos formamos, que com muito esforço um apoiando o outro, vencemos, obrigada meu irmão. Ao meu esposo Gerson, pelo amor, compreensão e apoio, nos meus estudos.

Ao meu orientador Prof. Dr. Jean pelos seus conhecimentos, que me incentivou e orientou para conclusão da minha pesquisa, obrigada professor. Aos nossos professores do curso de Geografia que levarei comigo todos os seus valorosos ensinamentos e que se dedicaram para que pudéssemos absorver o que eles nos traziam e ampliar nossos conhecimentos, meus sinceros agradecimentos.

RESUMO

Este estudo faz uma análise sobre a comemoração religiosa e cultural do Natal, e como a paisagem pode ser compreendida através das manifestações culturais como esta. As culturas de modo geral buscam o resgate e a continuação de tradições e ritos praticados pelas civilizações antigas. Com isso podemos entender também, o porquê das religiões celebrarem algumas comemorações com características vindas de outros lugares. Procuraremos expor é como esta cultura religiosa tem sido organizada e preparada na cidade de Araguaína onde observamos que o espaço da Praça São Luis Orione é preparado com ornamentações e atividades apresentadas para a comunidade neste período estudado. E isto traz á na sociedade, impactos culturais, fazendo também desta data um momento de lazer como também um benefício sócio-econômico, sendo a praça muito visitada pelos os moradores locais. O que está em discussão são as possibilidades e interpretações da paisagem através de movimentos culturais, como podemos entender e encontrá-la nas formas naturais ou construídas, nos mais diversos lugares de forma prática.

Palavras-chave: Paisagem. Praça. Natal. Espaço. Ensino.

ABSTRACT

This study is an analysis of the religious and cultural celebration of Christmas, and how the landscape can be understood through cultural events like this. The general cultures seek redemption and continuation of traditions and rituals practiced by ancient civilizations. With this we can also understand why some religions celebrate celebrations with characteristics coming from other places. Seek to expose is how this religious culture has been organized and prepared in the city of Araguaína where we observe that the space of St. Luis Orione Square is prepared with adornments and activities presented to the community in this period studied. And this brings to society, cultural impacts, also making this date a moment of leisure as well as a social benefit - economic, with the square much visited by locals. What is at issue are the possibilities and interpretations of the landscape through cultural movements, how we can understand and find it in natural or constructed forms, in various places in a practical way.

Keywords: Landscape. Square. Christmas. Space. Teaching

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	7
1. O ESTUDO DA PAISAGEM, CONCEITOS E IDENTIFICAÇÃO NO ESPAÇO.....	8
2. A PAISAGEM DAS PRAÇAS: as mudanças e suas características.....	21
3. A PRAÇA SÃO LUIS ORIONE COMO OBJETO DE ESTUDO: sua importância cultural para a comunidade araguainense.....	27
4. A PAISAGEM ENQUANTO CATEGORIA DO ENSINO DE GEOGRAFIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA.....	39
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	43
REFERÊNCIAS.....	44
APÊNDICE A	46

Introdução

Este estudo busca compreender sobre a festa natalina realizada na cidade de Araguaína, tendo como principal local aberto para a comunidade, a Praça São Luis Orione. Sendo organizada e enfeitada para a visitação de pessoas de diferentes religiões ao longo dos dias em que ela fica ornamentada.

A Praça São Luis Orione tem um valor histórico muito grande para a comunidade araguainense, e é um dos pontos de grande visitação na cidade, e com a festa natalina ela se torna bem mais interessante. Porque é um dos momentos em que se pode observar como as estruturas que são montadas todos os arranjos objeto e valores culturais, agregam no local outra óptica. Para a pesquisa foram feitas diversas buscas em autores que discutiam sobre o conceito de paisagem, cultura e também sobre os valores culturais das praças brasileiras.

Sendo utilizada a pesquisa á campo durante os anos de 2013 e 2014 na Praça São Luis Orione e no ano de 2015, devido sua reforma, foi feito o registro de imagens na Praça Arnon Ferreira Leal. Buscando registrar os diferentes momentos em que estas duas praças estavam durante os dias de festa natalina.

A pesquisa está dividida em quatro capítulos, sendo que o primeiro está tratando de quando e como foi surgindo o conceito de paisagem na geografia. E quais os principais autores que conceituaram esta categoria na geografia. O segundo capítulo vai descrever um pouco sobre as praças e como suas características são perceptíveis e que as deixam semelhantes umas com as outras.

No terceiro capítulo irá de compreender a organização da praça e sua importância por ser um dos poucos pontos na cidade que se prepara para a festa natalina na cidade. E no quarto e ultimo capítulo discute um pouco da abordagem do conceito de paisagem nas salas de aula, e como o professor pode contribuir ainda mais para o ensino e aprendizagem dos alunos nas escolas.

CAPÍTULO 1:

O ESTUDO DA PAISAGEM, CONCEITOS E IDENTIFICAÇÃO NO ESPAÇO

O estudo sobre paisagem é encontrado nas mais diferentes ciências na sociedade hoje. Segundo Shier (2003), até 1940 a paisagem era considerada pelos geógrafos alemães, dentre eles Siegfried Passarge, um conjunto de fatores naturais e também humanos. E pelos franceses, principalmente sob a influência de Paul Vidal de La Blache, a categoria era compreendida como o indivíduo e o espaço físico.

Com isso, buscamos compreender os diversos significados que damos a um assunto que está no nosso dia-a-dia, a paisagem a qual é vista e vivida por todos em nossas atividades cotidianas. Silveira e Araújo (2013) quando discutem a contribuição de Vidal de La Blache sobre o entendimento da paisagem afirmam que o geógrafo francês liga o conceito de paisagem ao gênero de vida do possibilismo, na geografia tradicional. Sendo assim, constatam que existem nas mais diversas regiões do globo terrestre, as mais diferentes paisagens, pois o homem a transforma também ao adaptar-se a ela.

Segundo Silveira e Araújo (2013), o possibilismo é uma corrente geográfica onde focaliza as idéias de La Blache, principal idealizador, onde defendeu a relação homem/meio, batendo de frente com o determinismo de Ratzel, ou seja, era a escola francesa e alemã de geografia se confrontando com dois grandes nomes do pensamento geográfico. Para Vidal de La Blache, o homem é um agente transformador do meio em que vive, podendo adapta-se para suprir suas necessidades, de acordo com o que o meio pode lhe oferecer. Transformando e adequando-o conforme fosse suas necessidades, sejam elas, físicas, culturais ou sociais.

Segundo Fabrício e Vitte (2011), La Blache em muitas vezes atentava-se pela 'fisionomia da paisagem', não abordando as relações sociais e suas características e influências sobre o meio, podendo assim deixar de relatar aspectos interessantes sobre os agentes sociais e processos sobre a paisagem, e como influenciam ou alteram as características paisagísticas dos diversos lugares. Esta paisagem não se trata simplesmente de relevo ou geomorfologia terrestre, mas também, das formas construídas pelo homem no espaço.

A conceituação de paisagem é muito antiga na Geografia. Na Geografia Tradicional está ligada ao “gênero de vida” do Possibilismo de Vidal de La Blache, onde a relação entre homem e natureza vai passando de uma simples adaptação a uma ação modeladora, pela qual o homem com sua cultura cria uma paisagem própria de cada porção do globo terrestre. (SILVEIRA; ARAÚJO, 2013, pg. 03).

Silveira e Araújo (2013) colocam que a paisagem pode ser observada nas mais diferentes formas, não se tratando apenas do que é natural, é também o que foi modificado e incorporado no espaço pelo ser humano. Ao observarmos um determinado lugar no espaço geográfico podemos ver que o mesmo, traz na paisagem algo natural como, por exemplo, a vegetação e o relevo, onde essas particularidades fazem com que sejam diferenciadas as paisagens uma das outras.

Segundo Silveira e Araújo (2013), existem diversas paisagens e diversos momentos observados sobre ela, sendo possível existir múltiplas possibilidades e óticas diferentes, a respeito do que nós olhamos. Ela é mutante, o homem a muda e ela, o homem. Os valores que são dados ou agregados nas diferentes épocas transformam o meio. Novas paisagens surgem, ou contrapõem-se uma sobre as outras.

Schier (2003) mostra que, o conceito de paisagem vem sendo discutido deste o século XIX, como forma de compreender as relações entre a sociedade e a natureza ou o natural, para entender o que seria o significado de paisagem, debatida nas diversas ciências. Estas relações dizem respeito a tudo que o ser humano precisa para o conhecimento que é necessário para viver nos grupos sociais, sobretudo quanto seu comportamento com o meio social e natural.

A geografia alemã, por exemplo, introduziu o conceito da paisagem como categoria científica e a compreendeu até os anos 1940 como um conjunto de fatores naturais e humanos (Otto Schlüter, Siegfried Passarge e Karl Hettner). Os autores franceses, sob influência de Paul Vidal de La Blache e Jean Rochefort, caracterizaram a *paysage* (ou o *pays*) como o relacionamento do homem com o seu espaço físico. (SCHIER, 2003, pg.80).

As mudanças recorrentes do conceito de paisagem segundo Schier (2003) são observadas em alguns casos quando associados à cultura, e devido também as diferentes formas de se percebê-la por outras áreas de estudo. Essas mudanças são visíveis, a cultura tem um grande poder de mudar as formas e hábitos que influenciam em muitos aspectos e características dos lugares.

Os hábitos culturais transformam a organização no espaço. Segundo Ferreira e Villar (2003), as plantações próximas as áreas montanhosas, onde é feito o cultivo arroz, em algumas regiões na China, é aproveitado o relevo das montanhas. Devido estas áreas serem muito férteis, fazem com que os moradores construam suas casas nos locais menos férteis para o maior aproveitamento do solo. De acordo com os autores Ferreira e Villar (2003):

Apesar das importantes inovações tecnológicas conseguidas nas décadas de 80 e 90, a rizicultura de terras altas tem dois grandes desafios; o primeiro, a consolidação da cultura de forma sustentável nos diferentes sistemas de produção de grãos, especialmente sob plantio direto e o segundo é a mudança do perfil do rizicultor, ainda falta muito para se alcançar um estágio que possa classificá-los como profissionais na cultura. [...] os países que se destacam são: China, Índia e Indonésia que respondem, respectivamente, [...] da produção mundial. (FERREIRA; VILLAR, 2003. p.01)

Segundo Maximiano (2004), o que pensamos sobre paisagem já está armazenado em nossa mente, desde os primórdios dos tempos. Para o autor a idéia do que seria paisagem para os seres humanos estava contida na observação do espaço onde viviam, descrevendo em desenhos e gravuras o que percebiam ao seu redor, elementos naturais como os animais, árvores e montanhas, e suas atividades diárias, como a caça.

Maximiano (2004) ainda diz que, estas estruturas paisagísticas ao nosso redor compõem um quadro de imagens que os olhos captam e as informações são organizadas, e assim através de suas formas que as visualizamos, elas são compreendidas. Nelas existem também as relações sociais, a interatividade entre os indivíduos, caracterizando também o lugar e assim a paisagem. Como por exemplo, é encontrado em um país como o Brasil regiões que possuem características climáticas e morfológicas diversas, e culturas diferentes. Estruturando assim uma grande variedade de comportamentos sobre o espaço, sendo transformado e os indivíduos adaptando-se a ele para sua sobrevivência.

Santos (1988), diz que uma das transformações na paisagem natural pode ocorrer, quando são inseridos monumentos ou qualquer tipo de modificação que não faça parte da paisagem natural, como edifícios, avenidas e etc. E isto acontece em qualquer lugar, e a todo o momento, tendo relação com a forma de administração do espaço sendo assim, tendo ligação aos fatores sociais e econômicos de cada lugar,

por existir inúmeras sociedades com aspectos econômicos diferentes, intervindo na forma como seus habitantes subsistem.

As mutações da paisagem podem ser estruturais ou funcionais. Ao passarmos numa grande avenida, de dia ou à noite, contemplamos paisagens diferentes, graças ao seu movimento funcional. A rua, a praça, o logradouro funcionam de modo diferente segundo as horas do dia, os dias da semana, as épocas do ano. Dentro da cidade e em razão da divisão territorial do trabalho, também há paisagens funcionalmente distintas. A sociedade urbana é una, mas se dá segundo formas-lugares diferentes. (SANTOS, 1988, pg.24).

Qualquer transformação na paisagem por menor ou mais grandiosa que seja sempre terá fatores historiográficos contidos nela, fragmentos que contam e remetem um passado ou o que cada momento proporcionava, no espaço/tempo.

A sociedade segundo Santos (1988) transforma-se com o passar do tempo, porém não deixa de existir estes fragmentos que estão na paisagem ou nos espaços, e com o envelhecimento dessa formas físicas e morais, esta sociedade transforma-se.

Tudo isto com acontece devido á muitos fatores, tanto políticos, de caráter social e econômico de cada lugar ou indivíduo, como também pela cultura, que é o que Santos (2006), chama de “rugosidades”, estes objetos acumulados sobre o espaço, que são sobrepostos com o passar dos tempos por uma nova roupagem, ou simplesmente coexistindo com o presente.

Chamemos *rugosidade* ao que fica do passado como forma, espaço construído, paisagem, o que resta do processo de supressão, acumulação, superposição, com que as coisas se substituem e acumulam em todos os lugares. As rugosidades se apresentam como formas isoladas ou como arranjos. É dessa forma que elas são uma parte desse espaço-fator. (SANTOS, 2006, pg. 92).

Para Maximiano (2004), a paisagem é algo complexo, para alguns é tudo aquilo que surgiu naturalmente, porém para outros é também as mais diferentes formas paisagísticas de arquitetura e organização de objetos e estruturas no espaço. Um exemplo de contraposição do natural com o artificial ou modificado são as pousadas beiras-rio ou beira-mar, que possuem piscinas, muitas vezes a poucos metros do mar ou rio, como vegetação de jardinagem não típica da região, contracenam com a vegetação local.

Santos (1988) coloca que:

[...], uma realidade de funcionamento unitário, um mosaico de relações, de formas, funções e sentidos [...]. Tudo aquilo que nós vemos, o que nossa visão alcança, é a paisagem. Esta pode ser definida como o domínio do visível, aquilo que a vista abarca. Não é formada apenas de volumes, mas também de cores, odores, sons etc. (SANTOS, 1988, pg. 21).

Maximiano (2004) diz que a paisagem pode mudar ou transformar-se bastando apenas segundos. Dependendo do momento que se é observado um entardecer em um rio, o vemos sob uma perspectiva de paisagem diferente do que se o olharmos ao amanhecer, assim tem-se duas visualizações de paisagem de um mesmo local.

A paisagem criada ou existente de momentos diferentes ou épocas está presente na paisagem atual, através de elementos que deixam marcas no tempo, sendo eles culturais ou naturais que mostram os sucessivos passados. Essas rugosidades, que Santos (2006) diz, estão nas paisagens que nos remete ao passado, co-existindo com o presente, fazem com que a ela não seja simplesmente pontos sem sentido. Estas alterações são muitas vezes pontos de partida para as grandes revoluções culturais e sociais no espaço e conseqüentemente nas paisagens.

Santos (2006) diz que, estas mudanças paisagísticas sócio/culturais conseguem transformar a paisagem e também adaptá-la a outro lugar, culturas que tem como características, a vegetação da região onde é tradicional, vestimentas e até mesmo quando ocorrem nas estações do ano, interferem em como será ornamentado o espaço para que a paisagem seja representada.

Shier (2003) diz que, o estudo da geografia procura compreender não somente como se comportam os agentes sobre a forma natural da paisagem, mas, também os movimentos que compõem a mesma, são eles que mostram as diferentes formas de sua composição e aspectos.

Segundo Shier (2003) o caminhar das pessoas nas calçadas, ruas, avenidas cheias de carros e motocicletas, revela os detalhes do que chamamos de paisagem, seja ela imóvel, como as casas e os edifícios, ou também o que é transformado, modificado para atender as necessidades humanas.

Shier (2003) diz que a paisagem pode receber vários significados, nas diversas ciências existentes, da área física ou da humana, todas procuram explicar o que significa. Na ciência geográfica é definida como um conjunto de estruturas

naturais e sociais de um determinado lugar no qual desenvolvem uma intensa interatividade, entre os elementos físicos, e sociais em conjunto com a natureza.

O conceito de paisagem não é exclusivo da geografia, mas sempre teve grande relevância para a disciplina, estabelecendo-se como um de seus conceitos-chave, em constante (re) discussão [...]. Mas a etimologia da paisagem revela outros fatores a serem considerados. (NAME, 2010, p. 164).

Name (2010) coloca que, muitas vezes a paisagem é considerada pela maior parte das pessoas somente aquilo que compõe o universo, como, florestas, ilhas, montanhas, rios e cachoeiras. Porém para o autor também são consideradas paisagens as construções que são projetadas no espaço. São estas, as estruturas das casas, edifícios, e também as relações existentes neste espaço que são produzidos através desta interação do homem com o meio, como as praças, os parques, entre outros, que compõe a paisagem cultural.

Segundo Name (2010) as paisagens culturais são compreendidas como estes elementos já citados, o que leva a observar que, não existe um lugar em que não tenha sofrido algum tipo de interferência humana. Se não houver uma construção modelando a paisagem na floresta, porém a poluição, por exemplo, pode ter chegado a este lugar pelo ar, levando conseqüências desastrosas como poluir rios e plantas.

Name (2010) diz que a paisagem-cultural ainda pode ser classificada como dois tipos, sendo uma rural e a outra urbana, as duas com características específicas. As atividades agropecuárias e manejo da terra em suas várias formas de cultivo como hortaliças ou criação de animais como aves entre outras, fazem parte da paisagem rural, compõem um quadro de particularidades que caracterizam a paisagem rural. A segunda é a paisagem urbana, tendo como suas particularidades as ruas e prédios onde os indivíduos interagem entre si e com o meio também.

Britto e Ferreira (2011) afirmam que os estudos da Geografia sobre o conceito de paisagem, a inclui como uma das categorias de análise estudadas por esta ciência. Estas categorias completam o estudo dessa ciência, possibilitando a compreensão das particularidades na sociedade. Mesmo não sendo uma categoria exclusiva da Geografia a paisagem por ela estudada, torna o conhecimento da

mesma, com características diferentes em alguns aspectos, do que outras ciências que buscam entender e analisar o conceito de paisagem.

Como toda ciência, a Geografia possui seus conceitos-chaves (paisagem, região, espaço, lugar e território) com grande grau de parentesco e capazes de sintetizar a objetivação geográfica, concebendo-a identidade e autonomia. Pertencendo, ao mesmo tempo, ao domínio das ciências da Terra e ao das ciências humanas, a Geografia tem por objeto próprio a compreensão do processo interativo entre sociedade e a natureza, produzindo, como resultado, um sistema de relações e de arranjos espaciais que se expressam por unidades paisagísticas identificáveis. Dentro da Geografia, a paisagem adquiriu um caráter polissêmico, variável entre as múltiplas abordagens geográficas adotadas e dependente das influências culturais e discursivas entre os geógrafos. (BRITTO; FERREIRA, 2011, p. 01).

Os autores Britto e Ferreira (2011), refletem que a paisagem está ligada a vários conceitos de percepção particular que constroem as formas da compreensão do que é a paisagem. Ela trabalha em conjunto com os valores agregados e suas significações. Um monumento antigo tem diversos valores, para uns, histórico e sentimental, para outros, sociais.

Britto e Ferreira (2011) dizem que, essas diferentes percepções do conceito de paisagem demonstram as diferentes formas de compreensão do conceito. Esta compreensão depende, dentre outros fatores, sendo também do que os indivíduos trazem como cultura e os significados do que são os objetos dispostos no espaço, criando as mais diferentes análises de paisagem.

Geralmente essas abordagens são pautadas no belo, na visão, na apreensão individual e na subjetividade, o que remete a uma parcelada origem desse conceito, podendo ser representada como um papel determinante na construção coletiva de uma paisagem. Na geografia, a paisagem adquiriu um caráter multifacetado, combinando formas e cultura, significados e valores. (BRITTO; FERREIRA, 2011, p. 02).

Segundo Pozzo e Vidal (2010) a importância do conceito de paisagem e seus primeiros usos foram nas expedições européias na América. Onde descreviam o que encontravam nas regiões exploradas e mais remotas. Uma grande colaboração para o conceito, para a geografia, por parte dos desbravadores, eram essas descrições do que encontravam, e transcreviam de forma detalhada os relevos fauna e flora. Segundo os autores:

A origem do conceito científico de paisagem está relacionada com as expedições européias realizadas na América e em outros continentes nos

séculos XVIII e XIX. Pudessem atribuir o primeiro uso geográfico deste conceito ao cientista e viajante Alexander Von Humboldt, cuja viagem à América Latina, realizada entre 1799 e 1804 constitui, ela mesma, uma espécie de ato fundador da Geografia moderna. O interessante aqui é notar que o conceito de paisagem acompanha a Geografia desde o princípio, constituindo-se numa preocupação básica dos primeiros tempos desta ciência. (POZZO; VIDAL, 2010, p.111).

Pozzo e Vidal (2010) dizem que a paisagem e cultura estão muito ligadas, quando é dito que o espaço rural tem como uma forte caracterização o plantio de hortaliças e criação de animais, logo a paisagem estará diretamente ligada e descrita como a cultura rural, com seus elementos particulares. A cultura quando produz uma forte influência sobre algum tipo de paisagem, uma sempre estará associada à outra devido a estes relevantes aspectos que as ligam.

Segundo Pozzo e Vidal (2010) toda paisagem quando modificada, passa por um processo onde pode ser descaracterizada em algumas partes, ou seja, sua fisionomia anterior. Em muitas situações essas transformações são temporárias, sendo modificada por algum tempo ou devido algum motivo especial. Existem inúmeros momentos onde certos acontecimentos, como festas, comemorações se utilizam de espaços como praças, ruas e usam decorações ou ornamentações onde estes símbolos fazem com que a paisagem seja transformada de acordo com aquilo que se deseja para ser utilizado.

Segundo Shier (2003), a cultura existe desde os primórdios dos tempos. Uma pessoa ao cumprimentar seu vizinho quando o vê seria um simples ato de educação, para outros se trata de cultura. Ela está ligada aos gestos, tradições, crenças e todas as manifestações que a sociedade usa para simbolizar e mostrar como acredita em algo ou como usa de certo conhecimento.

Markus (2002) coloca que, as culturas que existem no espaço urbano, mostram diferentes organizações sociais, que buscam significar seu sentido nas mais diversas formas e símbolos. Em muitas destas manifestações ocorrem transformações nos locais onde é representada, em alguns casos especificamente, a festa natalina. Observa-se neste caso, que essa organização traz alterações no espaço utilizado, com características típicas de outras regiões de clima frio. Como também costumes representados nos trajes dos personagens envolvidos.

Markus (2002) diz que as culturas significam algo, são realizadas diariamente ou em momentos específicos, fazendo assim com que sejam perpetuados os seus valores ou características únicas de cidades, povos, religiões e conhecimentos.

O verbo latino “colere”, do qual deriva a palavra “cultura”, designa tanto o ato de “cultivar a terra” como o de “render culto” à divindade. No século XVI, os humanistas do Renascimento falam de cultura do espírito; no século XVIII, é utilizada para designar o cultivo em ciências, letras e artes; no século XIX, começa a se constituir uma ampliação conceitual. (MARKUS, 2002, pag. 11).

Sobre a cultura, Markus (2002) diz, são marcas que registram a passagem dos seres humanos no espaço, onde muitas vezes são realizadas ou praticadas em lugares distantes e devido ao deslocamento desses indivíduos que levam consigo as culturas de seus povos, e assim vão marcando suas histórias nas transformações conseqüentes destas manifestações.

Name (2010) ao descrever sobre a cultura e paisagem, reflete que ambas não são de uso exclusivo da Geografia, e que tem um grande valor para a ciência e que possuem relação uma com a outra em seus conceitos.

A paisagem cultural, nesses estudos, perde um pouco de seu caráter estritamente material (cultura como marcas do ser humano no espaço) e vai pouco a pouco sendo analisada como valor simbólico, artístico ou moral (cultura como expressão da mente humana, de um pequeno grupo ou de um único indivíduo. (NAME, 2010, p. 173).

Segundo Name (2010) a paisagem é algo que muda constantemente, quando se trata de paisagem natural, mesmo sendo algo que não foi modificado através de ação humana, tem suas alterações ocorridas por seus próprios meios, por exemplo, ação dos ventos, chuva ou qualquer interferência da natureza muda a paisagem. O percurso do rio, e suas curvas, mudam de tempos em tempos formando lagos isolado, invadindo a mata formando um novo desenho do rio. Os geógrafos buscam compreender a paisagem em todas as suas significações procurando evidenciá-las nas formas como elas se mostram.

Name (2010) diz que os estudos da Geografia sobre o espaço procuram observar como tem sido a interação da sociedade em geral em sua participação nestes momentos. Estes momentos festivos conseguem modificar a paisagem ou adicionar a ela elementos que trazem significados para o momento representado.

Podendo existir durante vários momentos do dia ou em períodos do ano, o fluxo de movimentos e esvaziamento de lugares, por pessoas proporcionando diferentes organizações espaciais e paisagísticas, e a própria modificação da natureza com as estações do ano, também proporciona isto.

Os espaços utilizados para as festas culturais muitas vezes são públicos, como ruas, praças e suas características são modificadas para atender as diversas festividades comemoradas nestes lugares ou para o uso das pessoas em momentos do dia.

Bezerra (2008), diz que nos diversos estudos que registram sobre as festas celebradas no Brasil, eram realizadas em praças e nas ruas, sendo estes os lugares dentre outros os mais privilegiados. Muito se observa também o uso destas tradições e festas como mais um meio de lucro. Sendo cada vez maior o investimento do comércio nos períodos comemorativos ao longo do ano, como também um intenso volume de propagandas intensificando o consumismo e deixando de lado os valores e significados das festas e comemorações.

Nesse processo de (re) criação e (re) invenção da festa, os rituais, que inicialmente possuíam um caráter quase espontâneo dos valores e das tradições populares dos diversos grupos sociais, vêm sendo apropriados pelos administradores públicos e empresariais, transformando-se em megaeventos, cujo caráter de empreendimento econômico e comercial tornou-se muito acentuado. (BEZERRA, 2008, p.8).

Bezerra (2008) diz que por outro lado também as culturas são cada vez mais admiradas e suas festas conhecidas, muitas, mundialmente, como a festa natalina. No Brasil, por exemplo, existem diversas festas regionais muito conhecidas, estas têm um papel muito importante na formação e nas características das cidades. Nestas festividades existe um grande público que a aprecia como também investimentos para sua organização. A festa natalina acontece e é comemorada em todo o território nacional, atraindo um grande público, no período de sua comemoração.

Estas festas agregam as cidades um grande valor, para a sociedade também, como Bezerra (2008) coloca, fazendo com que seus indivíduos participem de forma direta ou indiretamente.

Enquanto forma de produção de identidade a festa vem assumindo um papel importante em algumas cidades brasileiras, sobretudo nas últimas décadas em que vem se impondo a necessidade de uma diferenciação no mercado das cidades. A festa, nesse contexto, tem sido um dos veículos através do qual a identidade local é (re) atualizada e sintetizada. (BEZERRA, 2008, p. 10).

Sendo assim, as comemorações são também marcas deixadas nas diversas culturas e formas de expressão de seus credos. Produzem no espaço o seu próprio cotidiano, e suas ações ao longo do mesmo. Os espaços são então usados para estas representações de forma que o próprio espaço consegue transformar-se para atendê-la e trazer significados dos objetos sobrepostos nestes espaços.

Bezerra (2008) diz que, a paisagem de regiões diferentes quando caracterizada em outros espaços, sejam eles públicos ou não, possibilitam e ampliam a compreensão do seu significado e difunde-se nos mais variados lugares.

Segundo Bezerra (2008) há uma relação entre a paisagem e a memória, sendo a segunda, onde armazenamos dados importantes ai então a paisagem é relacionada a algo que tenhamos observado. Todas as informações ao nosso redor são organizadas, e damos significados a elas, tornando possível a compreensão do que vemos.

Bezerra (2008) ainda diz que, ao refletir sobre os lugares compreende que estes, são de uma grande simbologia, cheios de sentimentos e valores, devidos sua história, são os lugares/símbolos. E esta valorização se deve muitas vezes a necessidade de poder contemplar o passado no presente, na forma, por exemplo, de algo visualizável.

Santos (2007) diz que muitos lugares têm essa importância, e outros devido a sua paisagem propiciam lembranças e recordações que remetem a lugares, países ou objetos/símbolos de outra época e que representam algo para as pessoas. Os lugares quando ornamentados para as festas ou comemorações são um bom exemplo disto, pois podem caracterizar com adereços, aspectos e particularidades de países como: canções, neve, animais, vestimentas e comidas.

Considerada em um ponto determinado no tempo, uma paisagem representa diferentes momentos do desenvolvimento de uma sociedade. A paisagem é o resultado de uma acumulação de tempos. Para cada lugar cada porção do espaço essa acumulação é diferente: os objetos não mudam no mesmo lapso de tempo, na mesma velocidade ou na mesma direção. (SANTOS, 2007, p.55).

Santos (2007) diz que a paisagem esta armazena informações sobre os diversos acontecimentos geográficos e históricos sobre ela. O que é importante entender, é que as mudanças que ocorrem na paisagem transformam também a própria sociedade. Essas alterações marcam a paisagem deixando vestígios do que o tempo fez e pode fazer. Como por exemplo, o fato de que a própria natureza

consegue recompor-se de tragédias que ocorrem consigo, e ela mesma com o passar do tempo se renova.

A paisagem segundo Santos (2007) é uma acumulação do tempo, porquanto vão sendo inseridos objetos no espaço, como por exemplo, as novas construções, monumentos, que são testemunhas da própria história. O tempo sobre a paisagem pode também suprimir os objetos dispostos no espaço para dar lugar a uma nova configuração, alterando e modificando a paisagem.

O que antes poderia ser considerado um lugar com uma paisagem sem vida, como praças abandonadas, conseguem aspecto melhor a partir de arborização, transformando o espaço e possibilitando uma visualização melhor, bem como para lazer entre outras conseqüências positivas para o ambiente e os indivíduos que utilizam as praças. Sendo assim estes lugares conseguem também deixar na memória seu passado gravado no próprio presente.

A sociedade é atual, mas a paisagem, pelas suas formas, é composta de atualidades de hoje e do passado [...] Formas de idades diferentes com finalidades e funções múltiplas são organizadas e dispostas de múltiplas maneiras. (SANTOS, 2007, p.60).

A sociedade, segundo Santos (2007), evidencia a cada momento da história suas necessidades. O espaço é alterado e a paisagem muda conforme isto vai sendo suprido. A sociedade no início do século XX alavancou grandes avanços na saúde e na tecnologia, que refletem a sua grande importância nos tempos de hoje, proporcionando a sociedade uma melhor qualidade de vida.

O espaço mudou devido a estes acontecimentos, que foi possível também, ampliar novos territórios, como conhecer melhor o próprio planeta, suas variações climáticas e diferentes formas paisagísticas. As necessidades existentes no passado foram em muita parte superadas com o tempo, suprimindo muitas outras que com os avanços também deixaram de existir, porém muitas outras ainda existem.

Tudo isso foi um grande passo para a humanidade, para a sua própria existência. Porém toda transformação sugere também profundas reflexões a respeito de tudo que se pode mudar, e o que foi preciso para isto acontecer, e se foi ou será positivo ou se trará problemas posteriormente.

Sobre isso Santos (2007) diz:

Um centro urbano de negócios e as diferentes periferias urbanas. Tudo isso são paisagens, formas mais ou menos duráveis. O seu traço comum é ser a combinação de objetos naturais e de objetos fabricados, isto é, objetos sociais, e ser o resultado da acumulação da atividade de muitas gerações. (SANTOS, 2007, p.53).

Santos (2007) coloca que o meio se adapta as alterações, as civilizações procuram se organizar ou adaptar-se onde se instalam e isso tem ligação direta com a paisagem.

Segundo Santos (2007), a paisagem muda em parte, nem sempre significando que as mudanças que a sociedade sofre alteram totalmente a paisagem. Hoje no mundo existem diversas formas de paisagens naturais interferidas pelos seres humanos. Pois, devido suas necessidades de ampliação de território como também de melhorias no seu bem-estar, foram buscando e concretizando estas mudanças de hábito e comportamentos.

A sociedade evoluiu e tem tido inúmeros desafios ainda para superar-se. Santos (2007), diz que os objetos sociais, são tudo aquilo que o ser humano “cria” ou reproduz, de modo que isto também faz parte do significado e compõem as estruturas paisagísticas. Tanto uma paisagem natural, como outra que tenha tido a interferência humana como estradas, são compreendidas como paisagem.

CAPÍTULO 2:

A PAISAGEM DAS PRAÇAS: AS MUDANÇAS E SUAS CARACTERÍSTICAS

Para Sousa e Oliveira [201-], as praças são locais públicos de uso comum, onde as comunidades as utilizam para fim de entretenimento, descanso e lazer. Até onde se tem relatos e estudos, estes locais eram e ainda são, referências para as cidades tanto grandes quanto pequenas. Pois centralizavam vilas, povoados que foram crescendo, em grande maioria, das redondezas das praças.

Os indivíduos têm nestes ambientes áreas de constantes paisagens, a cada período do dia observa-se um tipo de movimentação. Há os momentos onde ela é freqüentada por vendedores-ambulantes, trabalhadores que descasam no período de almoço, casais e famílias. As praças em geral possuem características que variam pouco de umas para as outras, mas geralmente tem passarelas que permitem caminhar por toda sua área, bancos, árvores e lanchonetes e as mais variadas personalidades humanas que freqüentam o local.

Entretanto para que haja as trocas ou diversidade cultural necessita-se de um espaço físico e concreto, por isso nos ateremos aqui à praça como lugar da diversidade cultural, pois como se pode constatar ao longo da história a praça é o lugar por excelência das ambigüidades e das trocas culturais. (SOUSA; OLIVEIRA, [201-], p.02).

Sousa e Oliveira [201-] colocam que, elas são um local de encontro com diferentes culturas que usam seu espaço para a transmissão e representação cultural. Existem muitos estudos sobre as características físicas e culturais sobre as praças, sua importância patrimonial como objeto de estudo.

Para Barros (2010):

Os espaços públicos urbanos tem sido objeto de estudo freqüente, pois, são nesses espaços, moldados a partir do uso cotidiano que a vida se efetiva. A praça é vista como exemplo dessa interação. É um local de grande valor histórico, cultural e de interação social sendo fundamental na configuração urbana consistindo em um dos mais importantes espaços públicos da história das cidades. (BARROS, 2010, p.01).

Segundo Barros (2010), as praças são locais onde as culturas sempre tiveram espaço para sua demonstração, tanto o seu valor cultural como histórico.

Alguns autores escreveram sobre o uso das praças, ao longo dos séculos, onde estes espaços tiveram e ainda tem diversas utilidades para os indivíduos. Uma

delas é o Natal, sendo umas das grandes manifestações culturais nestes espaços. O que se percebe é que sempre as praças tiveram grande importância para a sociedade, com representatividade em muitos momentos da história. Sendo por exemplo usadas para discursos políticos, o ponto central de muitas cidades, ponto de encontro das pessoas para conversar, um momento de interação e expressão das idéias. Todos estes momentos e situações fazem parte das características que são reproduzidos nas praças.

Sousa e Oliveira [201-] dizem que, estes locais permanecem ao longo dos tempos, como espaço sociável freqüentado pelos indivíduos não importando classe social, idade ou cor.

Não se tem com exatidão uma definição única de praça, vários autores divergem sobre o assunto, entretanto é incontestável caracterizá-la como um espaço público e urbano, local de celebração da convivência e do lazer dos habitantes urbanos, e por excelência um lugar de ricas trocas culturais. (SOUSA; OLIVEIRA, [201-], p.03).

Segundo Sousa e Oliveira [201-], estes espaços têm em seu entorno, normalmente, comércios e igrejas, em grande parte estão localizadas em ruas ou avenidas de maior fluxo de indivíduos, chamando atenção assim para sua utilização nos seus diversos fins. Muitas praças possuem também características contrárias, onde seu fluxo é bem menor, muitas vezes, não devido ao seu tamanho, mais por outros fatores como, localidade.

E muitas delas, são bem atrativas, devido aos seus jardins, gramados e árvores que mantêm uma bela paisagem. Proporcionando aos indivíduos belas ornamentações para festas, reuniões, comemorações ou encenações.

Sabina (2003) diz que, como as comemorações do calendário litúrgico da igreja Católica, que são as datas comemorativas e festas cristãs, sendo as igrejas construídas próximas ou dentro das praças, os locais das praças geralmente são utilizados nestas datas e ornamentados para os dias de comemoração. Seguindo essa seqüência de fatos, que são comemorados com festas, pelas comunidades. Segundo a autora:

Desta forma cada ano constitui uma vivência do mistério total de Jesus Cristo, que ressalta em cada tempo e em cada festa um aspecto de Cristo, desde o Advento, Natal, Epifania, a Quaresma, a Semana Santa, a Páscoa, Ascensão, Pentecostes, o Tempo Comum, o mistério da Igreja, sendo comemorado principalmente nas festas dos Santos. Compreende-se que a

obra do Cristo é tão rica que não é possível apenas uma celebração. Por isso, o calendário litúrgico deve desdobrar os vários acontecimentos da vida de Cristo. (SABINA. 2003, p. 13).

Segundo Sabina (2003), percebe-se nas praças no período natalino, e em outras festas religiosas, quando aparecem as luzes, enfeites e grandes ornamentações, como casas e outros objetos decorativos, deixando uma paisagem características do momento comemorado.

As praças, segundo Sousa e Oliveira [201-], possuem espaços cujas formas geométricas, muitas vezes irregulares, trazem influências grego-romanas, e o comércio se estabelece aos arredores destes espaços, um dos fatos de ser assim, é ao volume de pessoas transitando por elas.

A praça no principio se constitui apenas de um espaço vazio na estrutura urbana, um lareio de geometria irregular, no entanto ainda preserva as funções contidas nas ágoras gregas e nos foros romanos, que é o comercio e o espaço da reunião social. (SOUSA; OLIVEIRA, [201-], p.04).

Segundo os autores Sousa e Oliveira [201-], nos estudos sobre as praças, dizem que elas em muitas vezes, serviram como palco para as manifestações das comunidades. O seu uso não se limitava a um somente, eram e ainda servem como vemos hoje em dia, para diversos fins.

Sousa e Oliveira [201-] colocam que, as praças são um dos poucos espaços públicos que são referências em uma sociedade, sempre é tratada como algo que trás características do lugar, e cria um ponto de encontro para os indivíduos. Em sua grande maioria destes espaços, observa-se que a paisagem em um determinado momento no espaço/tempo, onde são ocupadas por vendedores ambulantes, feiras de doces e salgados, transformam-se em outro ambientes tendo suas características modificadas e enriquecidas pelo uso nos diferentes momentos no decorrer do dia pelas pessoas.

Mesmo com um título de ser um local para o lazer, ainda existem essas interferências que ainda estão agregadas a estas áreas, como Sousa e Oliveira [201-] dizem:

A praça era o único espaço livre público que não servia a nenhuma função da igreja ou do exercito, por isso seu espaço era utilizado em larga escala, e para as mais variadas funções possíveis, era onde se faziam casamentos, funerais, execuções, comemorações, torneios esportivos, peças teatrais, onde se vendiam os mantimentos, onde se fazia comércio dos moradores

locais com os vizinhos da região, e onde se celebram as feiras, os mercados e festas públicas. (SOUSA; OLIVEIRA, [201-], p.04).

Sousa e Oliveira [201-] ressaltam ainda, o quanto que a figura da praça foi sendo modificada, e surgem então no período Renascentista as grandes referências de praças, sendo caracterizadas como belos espaços, com lindas esculturas e monumentos que marcaram fatos históricos, locais ou mundiais. Deixando nesta época, a forma de pensar estes espaços apenas como locais vazios a espera de barracas para venda de produtos.

A partir daí Sousa e Oliveira [201-] afirmam que, neste momento as praças são vistas com outros olhares, podendo ver também um lugar de demonstração paisagística cultural. Os grandes monumentos, a própria fisionomia e desenho trazem significados por existirem, o que compõe estes espaços, estão ligados aos seus aspectos histórico-geográficos.

Mas é no período do Renascimento que as praças chegam ao seu ápice, com o surgimento dos novos planos e das novas cidades ideias renascentistas, surgem paralelamente às praças ideais. Aqui diferentemente de todos os outros períodos anteriores a praça não é só mais um vazio no o espaço urbano, é agora um lugar especial e de destaque no traçado, projetada por grandes arquitetos como Brunelleschi (Piazza di SS. Annunziata em Florença 1409), Lorenzo Bernini (Piazza Obliqua de São Pedro de Roma, 1647 a 1651), entre outros, segundo os ideais de simetria e regularidade, característicos do movimento renascentista. (SOUSA; OLIVEIRA, [201-], p. 05).

Como já foram mencionados, os espaços das praças através das mudanças ocorridas ao longo dos tempos, foram sendo reorganizadas ou reforma das para tirar um pouco da imagem das praças, sendo ocupadas por pequenos comércios de lanches ou com espaços vazios sem muito atrativo. Para Sousa e Oliveira [201-]:

O movimento modernista surge com um novo ideário e uma nova concepção de espaço urbano, sua proposta de total ruptura com o passado clássico atinge também a tipologia e a morfologia da praça. É na categoria do lazer que se insere as praças modernas, que abre mão dos comércios e mercados existentes nas praças clássicas, medievais e renascentistas, e propõe uma reformulação significativa nesse espaço. (SOUSA; OLIVEIRA, [201-], p.06).

Deixa-se de pensar então na velha imagem destes espaços, o que impulsiona de certa forma o surgimento e planejamento de novas praças públicas pensadas para atender as necessidades da sociedade.

Sousa e Oliveira [201-] os novos moldes de praças modernas vem com a presença de um elemento muito importante que é o lazer. E nessa categoria, foram sendo agregados, nas características e os elementos que trazem o sentido de serem ligadas ao lazer.

A praça moderna inclui em seu programa espaços mais dedicados ao lazer e ao divertimento, para isso são inseridos quadras poliesportivas, playgrounds, pistas de caminhada, espaços para o lazer cultural, além da inserção da paisagem, natural em seu espaço, por isso como no renascimento, recebe a atenção de grandes arquitetos e paisagistas. (SOUSA; OLIVEIRA, [201-], p.07).

Mesmo com a agitação nos dias de hoje, a sociedade busca um local onde as pessoas possam descansar, e a paisagem dos grandes e pequenos centros tem-se modificado, muitas vezes para atender aos interesses dos indivíduos destes lugares.

Com isso estes locais ganham na composição de sua paisagem elementos que as transformam. Seja para o lazer, com decorações para momentos festivos ou integrar equipamentos como rampas de skate e outros esportes, estes espaços se renovam e inovam a sua paisagem.

A praça pós-moderna absorve o programa e a tipologia modernista, de utilização de tal espaço para o lazer e o divertimento, a as quadras poliesportivas, as pistas de caminhada e os equipamentos, continuam a pertencer a este espaço. A principal mudança é a volta do mercado e do comércio, que se integram novamente ao espaço da praça, outra mudança é devido ao estilo de vida rápido baseado na vida intensa capitalista, fazendo com que a praça se torne um espaço de fluxo contínuo das pessoas, insere-se nela também equipamentos públicos como o ponto de ônibus, por se caracterizar como um espaço „seguro” em meio ao trânsito „louco” e intenso das metrópoles contemporâneas. (SOUSA; OLIVEIRA, [201-], p.07).

Segundo Sousa e Oliveira [201-], as praças brasileiras no período colonial possuíam ao seu redor os principais comércios, como também uma igreja localizada na praça. Sendo muitas vezes a praça, o ponto central destes lugares. Assim outros órgãos, como prefeituras e outras instituições, se localizavam próximo ou nas avenidas que passam por perto, formando um conjunto de paisagens que caracterizam ainda muitas praças hoje.

A praça colonial brasileira possui como principal característica formal a presença da igreja em seu entorno, bem como das principais instituições da cidade, das pessoas mais ricas e do melhor comércio, elementos estes que iam configurando seu espaço conforme o desenvolvimento da cidade. (SOUSA; OLIVEIRA [201-]. p.08).

Sousa e Oliveira [201-], falam ainda que:

As praças na cidade atual configuram-se como espaço indissociável do meio urbano. Devido ao grande crescimento das cidades e migração das pessoas do campo para o espaço urbano, as cidades desenvolveram-se de maneira rápida e densa, criando as grandes metrópoles urbanas superpopulosas, por isso o espaço urbano livre principalmente o da praça passou a ser extremamente valorizado e útil na trama urbana, por diversos valores, dentre os quais estão os ambientais, funcionais, estéticos e principalmente simbólicos, tornando-se o local de encontro, inverso ao da agitação de todo e resto da cidade, tido como uma “ilha paradisíaca” em meio ao caos urbano instaurado. (SOUSA; OLIVEIRA, [201-] s.d. p.08).

Segundo Sousa e Oliveira [201-] os ambientes das praças, são valorizados em se tratando de lazer por alguns motivos, e dentre eles está o fato de ser um local que possibilita os indivíduos socializarem-se, ou ter troca de conhecimentos e contatos culturais, bem como, a tranqüilidade e outros objetos de lazer sobrepostos nestes locais.

A manifestação cultural está bem presente nas praças, Barros (2010), diz a respeito, argumentando que estes ambientes são conhecidos por seus valores sociais, sendo utilizadas de diversas maneiras para datas comemorativas, festivais musicais ou gastronômicos. E essas manifestações fazem esses locais transformarem suas paisagens, como já foi observado.

Como elemento urbano, as praças representam espaços de sociabilidade propícios ao encontro, ao convívio, passagem e às trocas simbólicas. Toda cidade possui uma praça que se destaca como referência e ou símbolo, palco de eventos históricos, espaço agregador, e local de confluência. (BARROS, 2010, p.01).

Barros (2010) observa-se que as praças muitas vezes são construídas no centro das cidades, como forma de evidenciar o ponto central e de referência do lugar também. Observa-se que antes de se tornarem cidades, quando ainda são pequenas vilas, são construídas algumas estruturas como bancos, igrejas os principais comércio ao redor das praças ou próximos a elas. Isto facilita ainda mais a visualização destes espaços como também contribui para a paisagem urbana.

CAPÍTULO 3:

A PRAÇA SÃO LUIS ORIONE COMO OBJETO DE ESTUDO: SUA IMPORTÂNCIA CULTURAL PARA A COMUNIDADE ARAGUAINENSE

A Praça São Luis Orione está localizada no setor central da cidade de Araguaína, onde as ruas ao seu entorno ligam a praça a outros pontos importantes da cidade, como ruas, comércios e a outros bairros. Ao seu redor existem diversas lojas, Banco, como também a Igreja Católica e a Faculdade Católica do Tocantins (FACTO). Muitos ainda são remanescentes das primeiras casas e construções ao redor da praça como é o caso da Igreja Católica e o Colégio Católico. A construção da praça foi inaugurada em 1970 e sendo nomeada como Praça das Nações. Vejamos na imagem a seguir:



Figura 1 - Praça sendo construída por volta 1968.
Autor: F. SANTIAGO, abr. 2016.

Na imagem podemos observar o início da construção da Praça, os canteiros sendo formados para receberem as árvores e o gramado. Quanto às construções ao seu redor, poucas delas hoje em dia, ainda são utilizadas para o que inicialmente eram na época.

No canto superior direito hoje existe um conjunto de “pontos” para aluguel utilizado como lanchonetes e pequenas lojas. No canto superior esquerdo vemos a Igreja Católica e no centro da imagem é o Colégio Santa Cruz, atualmente foram ampliadas as construções e interligado o Colégio com a faculdade Católica, fundada há alguns anos, localizada ao lado da igreja.



Figura 2 - Praça sendo construída.
Autor: F. SANTIAGO, abr. 2016.

Esta imagem é de alguns anos após a inauguração da praça, que na época se chamava Praça das Nações. Observamos uma paisagem que freqüentemente vemos em praças conservadas e recém criadas, muitas árvores para propiciar um local possível de visitação em horários mais quentes e pela paisagem agradável que se tem de um lugar que oferece uma boa sombra e bancos para a comunidade. Nela vemos na parte superior da imagem da direita pra esquerda o primeiro cinema da cidade e a igreja Católica.

Ela é também um dos poucos lugares de lazer na cidade e uma das praças mais visitadas, possuindo poucas árvores atualmente em sua área, servindo para vários fins, como por exemplo, abrigo para moradores de rua, vendedores ambulantes, e algumas casas de lanche dentro do espaço da praça

Sendo que na parte da noite, ela tem outra paisagem, pois se torna uma área para lazer e local para venda de comidas e diversos lanches. Tendo em vista que sua localização na cidade propicia a isto, pois está próxima a uma das avenidas de comércio mais movimentadas.

O espaço das praças é muito utilizado para manifestações culturais como datam diversos estudos sobre esta temática, e a Praça São Luis Orione, recebe em vários momentos do ano por parte da sociedade, festividades populares e feiras de artesanato. A Igreja Católica Sagrado coração de Jesus, exerce sobre o local e seu uso uma grande influencia, como diz Souza (2006):

No caso da Praça São Luis Orione, através de diálogos mantidos com os comerciantes locais, ficamos sabendo que a proibição de venda de bebidas alcoólicas é instituída pela igreja Católica. Sendo assim, é licito afirmar que esta instituição religiosa possui uma representatividade, que de alguma forma, influencia na sua dinâmica e sob a perspectiva da organização do espaço urbano, esta igreja encontra-se tomando parte da rua. (SOUZA, 2006, p. 60).

A praça foi construída com formato das praças brasileiras na época de sua construção localizada próxima a uma igreja e isto favorece o comercio ao redor e seu desenvolvimento. Mesmo sendo um local público, o espaço das praças não deixam de sofrer influência seja ela em benefício dos estabelecimentos próximos ou ao seu favor direta e indiretamente.

A mudança do nome da praça ocorreu a partir de um projeto proposto pela câmara de vereadores da cidade de Araguaína em 2004, homenageando assim o apóstolo Luis Orione canonizado pelo Papa João Paulo II no mesmo ano.

Esse descaso do poder público com as praças públicas se constata, quando vemos que os vereadores e o executivo municipal, pouco fazem para revitalizar esses espaços. Onde em um espaço de 11 anos, de 06 de abril de 1993 á 07 de 2004, apenas dois projetos foram apresentados pelo legislativo municipal. No ano de 1993 foi apresentado um projeto que tinha como objetivo a construção de quatro banheiros públicos, sendo dois na praça das Bandeiras e dois na antiga praça das Nações (atual praça Dom Orione), até o momento o projeto não teve sua execução, ficando apenas no papel. O segundo projeto do ano de 2004 tinha como objetivo renomear a Praça das Nações, que a partir de então passou a ser praça São Luís Orione, com a edificação de um busto do Santo Dom Orione nessa mesma praça, homenageando o beato Luis Orione, canonizado no mesmo mês em Roma. (SOUZA, 2006, p.45).

As poucas estruturas do local estão em estado de pouca conservação, com os poucos bancos e o próprio monumento que marca a construção da praça:



Figura 3 - Monumento de inauguração da Praça São Luis Orione.
Autor: D. PEREIRA. Set. 2013.

Localizado no centro da praça, podemos observar que o monumento é alvo de pichação, panfletos e cartazes de anúncios colados em sua estrutura. Sendo seu estado sob má conservação e não há nada para ornamentar ao seu redor como vimos na imagem após sua inauguração, com flores e gramado. O uso do espaço da praça durante o dia e até mesmo a circulação das pessoas em período festivo ou não é muito diferente no período da noite. Durante o dia encontra-se um número de pessoas menor, devido estarem descansando em horário de almoço, ou donos dos inúmeros carros estacionados na praça para venda, ou de pessoas que estão simplesmente usando como atalho para outros lugares.

Como o fluxo de pessoas é menor, a praça durante o dia tem uma característica um tanto acelerada, o ritmo das pessoas é mais intenso e mais rápido, devido este período a praça normalmente ser um local de passagem mais rápido. Sendo pouco utilizada para os fins de lazer.

No período da noite costuma-se ver na Praça São Luis Orione, uma paisagem diferente, utilizada como lazer para as famílias e também jovens que vão usar do espaço para brincar de skate. E também vemos muitos universitários que freqüentam o local por ser ao lado da Faculdade Católica, tendo no espaço da praça

e ao seu redor lanchonetes entre outros serviços de comidas. Que também favorece estes visitantes.

Podemos observar que as transformações paisagísticas na Praça São Luis Orione no período Natalino é mais intensa e organizada que em outros momentos no decorrer do ano. O que vemos são objetos disposto no espaço transformando-o para que transmita os símbolos que são característicos do significado da festa natalina. Esta organização do espaço é feita pela Prefeitura de Araguaína, algumas semanas antes da data comemorativa, ficando no local até por volta da primeira semana de janeiro.

Os equipamentos de montagem para o processo de organização da ornamentação natalina são levados para o local e aos poucos a paisagem é transformada, sobre os canteiros que antes eram vazios vemos as casas e presépios que caracterizam anualmente o local.

Dias antes da abertura do período natalino a prefeitura anuncia nos meios de comunicação a programação dos dias, e inicialmente começa com a chegada do 'Papai Noel' e seus colaboradores. E também contendo diversas participações de corais locais, musicais entre outras apresentações Assim que toda a estrutura é organizada as pessoas começam a visitar em grandes quantidades o local, e ele é tomado por indivíduos de diversas idades, mais, principalmente por crianças, que ficam encantadas com as luzes e toda a decoração.



Figura 04 - Montagem da estruturas que compõem a Vila de Noel, na Praça Luiz Orione.

Autor: D. PEREIRA. Dez. 2013.

Na imagem acima vemos as placas de madeira que são utilizadas para confecção das casas da “vila de Noel”. A prefeitura da cidade é responsável pela montagem das casas que compõem a vila natalina.



Figura 5 - A ornamentação sendo concluída na Praça.
Autora: D. PEREIRA. dez. 2013.

Na imagem acima vemos as casas já montadas, pintadas e quase prontas. Em 2013 foi o primeiro ano que as casas mudaram de formato, o que deixou todos admirados, pois já aviam anos que as primeiras casas eram utilizadas. Na segunda, o local estava quase que finalizado, e podemos observar como as características culturais inseridas mudaram a paisagem local, e o formato das casas são bem diferentes das casas que existem nesta região.

O espaço da praça é modificado para atender a necessidade de ser transformada em um local para ser admirado, celebrando um momento especial. E assim uma nova roupagem é colocada e transforma o que há no espaço, árvores bancos e demais estruturas, tornando-os parte da paisagem montada. E os visitantes passam a ter outra visão da paisagem do local, pois tudo que compõe esta nova roupagem possui outras características que remetem ao símbolo natalino.



Figura 06 - Praça São Luiz, no período natalino, recebendo a comunidade
Autora: D. PEREIRA. Dez. 2013.

Como percebemos nestas imagens, as luzes deixam evidentes os objetos que caracterizam a festa, e as pessoas percebem então o contraste do que realmente pertence aquele espaço e o que está modificado e acrescentado, levando outro tipo de paisagem no local.

No ano de 2013, nos primeiros anos que as casas que compõe a festa natalina na praça foram diferentes dos anos anteriores, com mais canteiros gramados, presépios e mais iluminação nas árvores e no local em geral.

E percebe-se também, que tem poucas referências do nascimento de Jesus Cristo, sendo ele o motivo pela comemoração, e o que mais se destaca é uma ornamentação para o papai Noel.



Figura 7 - Vista de uma das principais atrações da praça, a casa do 'Papai Noel'.
AUTORA: D. PÉREIRA. Dez. 2013.

A Praça São Luis Orione, recebe diariamente diferentes freqüentadores como antes foi mencionado, e por possuir uma estrutura com alguns problemas físicos necessitava de uma revitalização. Após receber durante muitos anos a caracterização do período natalino, como também outras atividades culturais, apresentações e feiras, foi feito durante a campanha eleitoral do prefeito Ronaldo Dimas um projeto arquitetônico. Visando melhorar o atendimento das atividades já feitas na praça como também futuras manifestações culturais pela comunidade.

Com isso no ano de 2015 começou-se então as obras para revitalização da Praça São Luis Orione, retirando do local algumas das estruturas já existentes deixando no projeto inicial a maioria das árvores e o monumento de inauguração e outras estruturas que ainda se encaixam dentro do projeto de reforma. Como também deslocando as barracas da feira culinária que acontecia no local para outro lugar. Logo a baixo temos o projeto para a reforma da praça:



Figura 8 - Projeto da nova praça, feito pelo arquiteto e Sec. Executivo da Habitação, José Guimarães.

Autor: Ascom. mar. 2014.

Por conta do andamento das obras na Praça São Luis Orione, não estarem avançadas a ponto de receber movimentação no local, tornou-se inviável a montagem da estrutura natalina no local. Trazendo alguns transtornos para a comunidade como limitar em alguns momentos o tráfego nas ruas ao seu entorno. Deixando assim uma pergunta na comunidade se este seria o primeiro ano em que não teriam a cidade com programações natalinas e um local ornamentado para atender estas necessidades.

Os espaços das praças são uma fonte muito interessante pra serem observados, e compreender a funcionalidade das mesmas, pois elas são também refúgio para descanso da comunidade, e isso implica em condições adequadas para que as pessoas possam transitar nestes locais públicos.

E isto se deve ao fato de que existam poucos lugares dentro das comunidades que sejam abertos para todos e para expressão cultural seja ele o simples fato de saírem de suas casas e interagirem uns com os outros, conversando ou consumindo um alimento ou observando o que acontece no ambiente e a paisagem, Sousa e Oliveira [201-] dizem:

Independentemente da configuração ou localização da praça, dos serviços nela vinculados, é por natureza um espaço qualitativo produtor da diversidade cultural, a análise de seus usos, sua morfologia ao longo da história provam tal fato, por isso é extremamente necessário se entender a praça ao longo do tempo, para que entendamos dessa maneira as transformações e compreendamos os processos de diversidade cultural existentes em nosso meio. (SOUSA; OLIVEIR, [201-], p.10).

Logo abaixo temos uma imagem que mostra a praça antes do início das obras, tendo a paisagem características comuns da maioria das praças da cidade, alguns bancos e árvores com grama pouco desenvolvida na maioria dos canteiros.



Figura 09 - Praça São Luis Orione.

Autora: D. PEREIRA. out. 2014.

Aqui a baixo vemos a praça sendo reformada, com alguns avanços do que será o projeto final, tendo ainda a maioria das árvores que existiam:



Figura 10 - Reforma em andamento na praça, ao centro da imagem vemos a estrutura do chafariz.

Autora: D. PEREIRA. abr. 2016.

Como a comunidade araguainense já tem essa tradição há algum tempo, e vendo o espaço da praça ainda com a obra incompleta, foi questionado isto e os responsáveis pela estrutura, deram a notícia que o período natalino seria celebrado em outro espaço e levando mais atrações para outros bairros da cidade, melhorando assim a participação da comunidade.

No ano de 2015 o primeiro ano da vila natalina aconteceu em outra praça, devido problemas estruturais que ainda não tinham sido concluídos na Praça São Luis Orione. A Praça Arnon Ferreira Leal, localizada próximo ao centro da cidade no setor chamado de Noroeste, comumente chamada pelos habitantes da comunidade com o nome do bairro.

Um local com espaço parecido com a Praça São Luis Orione, com algumas árvores e poucos bancos, necessitava de algumas adaptações para a ornamentação natalina. Esta praça tem ao seu entorno supermercado, e outros estabelecimentos que durante o dia oferecem serviços e que em alguns casos são intensificados durante o período da noite, por conta também das lanchonetes localizadas no espaço da praça do setor Noroeste. Abaixo vemos como ficou o local após algumas melhorias, que foi feito para receber a 'vila de Noel' como é conhecida:



Figura 11 - Praça Arnon Ferreira Leal, conhecida também como Praça do Noroeste.
Autora: D. PEREIRA. Jan. 2016.

A praça possui um espaço um pouco menor, que a Praça São Luis Orione, porém conseguiu surpreender a todos da comunidade que passaram pelo local,

admirados por estar recebendo pela primeira vez a ornamentação natalina mais perto de suas casas.

Nesse momento específico observa-se nas sociedades, um o sentimento aproximação das pessoas com seus familiares e outros indivíduos e as luzes que deixam a paisagem diferente do que se vê em outros períodos do ano, trazem uma mensagem de esperança como Sabina (2003) diz, e mudança na forma em que as pessoas vivem.

A programação da festa natalina na Praça do Noroeste foi comunicada pela prefeitura municipal antecipadamente pelos meios de comunicação da cidade, como as redes de TVs locais, TV Anhanguera, TV Boa Sorte, e em sites como Portal do Tocantins. Promovendo o evento para que a comunidade em geral pudesse participar dos dias em que teriam atrações locais de corais religiosos, a chegada do Papai Noel e logo em seguida ele recebe e conversas com as crianças.



Figura 12 - Praça do Noroeste na festa natalina em 2015.

Autor: M. FILHO. Dez. 2015

A imagem acima representa uma das varias noites em que a praça estava organizada, foram colocados alguns itens que não existiam nela como, por exemplo, os baços na imagem, o gramado em boa parte dos canteiros. E foi inserida a decoração que já se usava na outra praça. A paisagem característica do natal fica bem marcada e todos os objetos que representam isto estão dispostos no espaço.

Capítulo 4:

A paisagem enquanto categoria de análise no ensino de Geografia na Educação Básica

Segundo Santos e Chiapetti (2014) o ensino de geografia nas escolas sofreu diversas mudanças no plano curricular nas escolas. Ele é discutido para a melhor formação destes indivíduos para terem a capacidade de encontrar no meio não só o significado das categorias geográficas como também encontrar e entender o que há na paisagem, lugar, espaço, tempo e território. As ferramentas educacionais sofreram alterações e o professor precisa estar sempre atualizado e dentro das estruturas técnicas possíveis, para alcançar e transmitir as informações que surgem e chegam a uma grande velocidade. Ao professores precisam contextualizar e facilitar o aprendizado dos alunos.

Desde a instituição dos PCNs, a leitura de paisagem se tornou uma expressão corrente nas aulas de Geografia, tanto que os livros didáticos passaram a explorar esse recurso, sempre colocando imagens de diferentes paisagens brasileiras, para serem usadas pelos professores nas aulas de Geografia. (SANTOS; CHIAPETTI. 2014. p. 68).

Santos e Chiapetti (2014) mencionam a falta de aprofundamento nas escolas sobre o conceito e importância do estudo de paisagem para a geografia nas salas de aula, limitando-se a poucas páginas e didáticas para reconhecimento dela no meio em que vivemos. Muitas vezes são representações mais distantes da realidade dos alunos nos livros. E o que estes autores procuram orientar aos professores em sala, é sobre o fato de que a paisagem não está muito longe, é algo vivenciado diariamente.

Um processo educativo que deseje transformar seus educandos em cidadãos conscientes, atuantes, questionadores e agentes da construção da paisagem, deve empreender esforços na direção do conhecimento e apreensão da mesma. (MYANAKI, 2003, p. 20).

O ensino de paisagem, para Santos; Chiapetti (2014) na perspectiva da ciência geográfica, e o olhar que se tem sobre o espaço, para compreender a paisagem, devem ser vivenciados não apenas nos livros didáticos, mas também podemos entender que ao nosso redor temos as mais variadas formas de

compreensão da paisagem. Muitas vezes sobrepostas com o passar do tempo, e como também a cultura de um local agrega outros símbolos, ritos ou valores as características de outros povos e outras culturas, em momentos distintos nas sociedades.

Além dos livros didáticos existe uma série de recursos que o professor de Geografia pode utilizar para explorar a leitura de paisagem, como: imagens exibidas em computadores ligados à internet, em revistas, TV, fotografias, imagens projetadas por *datashow*, etc. e, principalmente, a aula de campo [...]. Contudo, só conseguiremos “fazer” alunos-leitores críticos se nós, professores, conseguirmos construir junto com os alunos, uma leitura de paisagem para além do que está posto nos livros didáticos. (SANTOS; CHIAPETTI. 2014, p. 75).

Brasil, (1998) coloca que uma das formas de ensino sobre a paisagem, é compreender o que vimos e o que compõe essa visualização. A partir do momento em que percebemos que a paisagem pode ser transformada e significar diferentes valores para as pessoas, sejam eles culturais ou morais nós aprendemos que essas mudanças refletem no nosso dia a dia e a importância disto ao ser observado e analisado. Contribuindo assim, para a compreensão do que observamos a nossa volta, os espaços, lugares e as informações que neles estão.

Uma maneira interessante de iniciar a leitura da paisagem é mediante uma pesquisa prévia dos elementos que a constituem. Essa pesquisa pode ocorrer apoiada em material fotográfico, textos ou pela sistematização das observações que os alunos já fizeram em seu cotidiano. Por esse levantamento inicial, o professor e os alunos podem problematizar formular questões e levantar hipóteses que impliquem investigações mais aprofundadas, que demandem novos conhecimentos. (BRASIL. 1998, p. 136).

Ao observar um local, como é o caso da Praça Dom Orione, sendo preparada para receber uma transformação temporária em seu espaço, pode ser um exercício de leitura de paisagem para os alunos em sala de aula na comunidade, sendo trabalhado de forma bem didática, pois fica algo bem prático por eles terem acesso.

Com essas diversas interpretações do que seja paisagem para as pessoas e mesmo que para muitos seja algo como uma visão natural de uma floresta ou um campo de flores, ela também pode ser mais complexa como os prédios e sua organização espacial numa cidade. Essa observação direta de analisar os objetos inseridos no espaço, compreender o significado de estar ali e analisar imagens ou visitaçoão do lugar antes, durante e depois de transformado a paisagem, leva o aluno

a identificar essas mudanças que transformam e mostram as várias formas que existem no processo de construção da paisagem.

O desenvolvimento da leitura da paisagem possibilita ir ao encontro das necessidades do mundo contemporâneo, no qual o apelo às imagens é constante. No processo de leitura, um aspecto fundamental é a aquisição de habilidades para ler diferentes tipos de imagens, tais como a fotografia, o cinema, os grafismos, as imagens da televisão e a própria observação a olho nu tomada de diferentes referenciais (angulares e de distância). Uma mesma imagem pode ser interpretada de muitas maneiras. Por exemplo, a imagem de um condomínio de prédios pode ser lida de modo diferente por um engenheiro construtor, um engenheiro de tráfego, um ecologista, um político, um favelado ou, ainda, por uma criança do meio rural. (BRASIL, 1998, p. 136).

Em um exercício de observação o aluno pode se perguntar como a paisagem pode mudar colocando imagens da Praça São Luis Orione, onde mostram sua construção e como era, ela ornamentada para a festa natalina, podendo ser esta uma forma prática de visualizar também o contexto da paisagem, um lugar antes vazio ocupado por algo e com o passar do tempo sofre mudanças e que serve de palco para o uso de atividades culturais para a comunidade.

Fazendo leitura da paisagem do antes e de como está à praça observar-se essas mudanças e o que representam e quais seus agentes de transformação podendo ser o homem ou o tempo.

Santos e Chiapetti (2014) observam que:

Como seres humanos que somos, vemos a paisagem com os nossos olhos, porém esta deve ser uma visão que considera a nossa história, a nossa subjetividade, que por sua vez, estão inseridas no mundo das histórias e das subjetividades coletivas ou da sociedade humana, ao longo do tempo. (SANTOS; CHIAPETTI, 2014, p.70).

Em uma aula á campo ou onde está o aluno deve ser orientado a observar o que existe ao seu redor e construir o conceito de paisagem, através daquilo que ele está vendo e percebendo no espaço.

Como Santos e Chiapetti (2014) dizem que esse contato direto valoriza e favorece o conhecimento do aluno, e através dessa e de inúmeras possibilidades pode-se compreender a paisagem, sendo uma das principais formas a visão, o ver, que cada indivíduo observa e o que representa para ele.

Além da leitura da paisagem nos livros didáticos, apontamos a aula de campo como uma metodologia de ensino de leitura de paisagem, porque tanto as habilidades empregadas na leitura de paisagens de imagens como da aula de campo contribuem para o desenvolvimento cognitivo dos alunos, em busca de resultados satisfatórios de aprendizagem, para melhor compreensão da realidade pelos alunos. (SANTOS; CHIAPETTI. 2014, p. 68).

Myanaki (2003) observa o papel do professor sendo fundamental para que o aluno consiga absorver as informações adquiridas, e muitas vezes a forma com é expressado ensino produz diferentes resultados a partir dos métodos utilizados para a escolha daquele ensino, pois cada indivíduo analisa o que está ao seu redor de uma forma e isto vai ser influenciado através não só de quem ensina como de quem absorve este conteúdo.

O sucesso do processo ensino-aprendizagem depende da conjunção de uma série de fatores que nem sempre estão ao alcance dos agentes diretamente envolvidos. Porém a escolha da linguagem a ser utilizada é prerrogativa do professor e da coordenação da escola e pode representar uma boa porcentagem de eficiência na construção do conhecimento. (MYANAKI. 2003, p. 35).

Myanaki (2003) coloca que o processo de ensino-aprendizagem depende dos indivíduos envolvidos nesta tarefa, os métodos podem não terem efeito de quem recebe não está preparado para o conhecimento e esta falha dificulta o aprendizado. A utilização de métodos que auxiliam no ensino deixando os conteúdos mais próximos da realidade ou da vivencia do aluno possibilita uma melhor fixação de assuntos tão importantes para a discussão em sala de aula, melhorando a participação deles nas atividades dentro e fora da escola.

Considerações finais

Podemos compreender que o ensino de paisagem tem diversas formas de ser aplicado, podendo ser eficaz a partir da contribuição dos métodos e de como cada indivíduo recebe e absorve esta informação. O ensino de paisagem na geografia tem buscado contribuir para melhorar essa aprendizagem, onde os autores buscam sempre refletir nas pesquisas de forma que todos possam compreender a importância do que vemos e como o que está ao nosso redor muda constantemente e nos muda também.

A paisagem se transforma por que os agentes do espaço a transformam e levando assim a um processo constante de mudanças onde algumas são menos perceptíveis, porém refletem em muitas outras coisas que são alterados pelas mudanças no espaço.

As formas paisagísticas no espaço podem ser contempladas ao nosso redor, as diversas manifestações culturais que agregam em si os mais diversos símbolos que mudam e transformam a paisagem, podem ser vistos com um olhar muito especial. Pois tem - se um vasto número de formas, que são expressas em sons em movimentos e símbolos que contribuem para a compreensão do conceito de paisagem.

Não apenas transformada mais também agregada, com as formas e tudo aquilo que sobrepõe como Santos (1988) diz, ao que já está nela e está disponível no espaço, acessível a todos, isto deve ser ensinado para o ensino da paisagem da geografia.

As análises feitas durante a pesquisa mostram que podemos usar de forma prática estes momentos culturais que tem grande representatividade e informações interessantes para o aprendizado. As figuras, o aprofundamento sobre o conceito, podem também auxiliar e muito para o entendimento de como vemos a paisagem e mesmo com o passar do tempo podemos perceber valores e características particulares de cada momento. E colhendo estas informações chegamos ao entendimento do que é a paisagem.

Referências Bibliográficas

BARROS. R. C. S. Sociabilidade em espaços públicos: um estudo de caso da Praça da República e da Praça Alencastro na cidade de Cuiabá-MT. In: XVI ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS. **Anais eletrônicos**, Porto Alegre: UFMT, 2010. Disponível em: <www.agb.org.br/evento/download.php?idTrabalho=2546> Acesso em : 31 mai. 2016.

BEZERRA. A. C. A. Festa e cidade: entrelaçamentos e proximidades. **Espaço E Cultura**: UERJ, Rio de Janeiro, nº 23, p. 7-18, Jan/Jun. 2008. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/ojs/index.php/espacoecultura/article/viewFile/3518/2445>>. Acesso em: 2 dez. 2015

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. SEF. Secretaria de Educação Fundamental. In: _____ **Parâmetros curriculares nacionais: geografia** / Secretaria de Educação Fundamenta. Brasília: MEC/ SEF, p. 156, 1998. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/geografia.pdf>>. Acesso: 05/05/16.

BRITTO, M. C.; FERREIRA, C. C. M. Paisagem e as diferentes abordagens geográficas. **Revista de Geografia**. Juiz de Fora. Vol. 2 nº 1, 2011. Disponível em: <http://www.ufjf.br/revistageografia/files/2011/12/Revista_Geografia_Dez-2011_-_Monique_Cristine_de_Britto1.pdf-51.pdf> Acesso em: 12 mai. 2014.

FABRÍCIO, D. C. B.; VITTE, A. C. Paul Vidal de La Blache e a geografia francesa: do contexto histórico às monografias urbanas. **Cordis**, Campinas, nº 06, 2011. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/cordis/article/viewFile/10302/7691>> Acesso em: 19 jan. 2013.

FERREIRA. C. M.; VILLAR. P. M. Del. **Cultivo do Arroz em terras altas**. Embrapa: Sistemas de reprodução, nº1 Jul. 2003. Disponível em: <<https://sistemasdeproducao.cnptia.embrapa.br/FontesHTML/Arroz/ArrozTerrasAltas/importancia.htm>>. Acesso em 28 jun. 2016.

MARKUS, C. **Culturas e Religiões**: implicações para o Ensino Religioso. IECLB. Disponível em: www.comin.org.br. Acesso em: 22/03/2013

MAXIMIANO, L. A. **Considerações sobre o conceito de Paisagem**. nº 8, p. 83. Editora UFPR. Curitiba, 2004. Disponível em: <<http://docslide.com.br/documents/consideracoes-sobre-o-conceito-depaisagem.html>> Acesso em 31 mai. 2016.

MYANAKI, J. **A paisagem no ensino de geografia**: Uma Estratégia Didática a partir da Arte. São Paulo, 2003. Disponível em: <<http://www.fozbartolomeumitre.seed.pr.gov.br>> Acesso em: 17/05/16.

NAME, L. O conceito de paisagem na geografia e sua relação com o conceito de cultura. **GeoTextos**, Rio de Janeiro, vol. 6, n. 2, p. 163-186, dez. 2010. Disponível em: <<http://www.portalseer.ufba.br/index.php/geotextos/article/viewFile/4835/3584>> Acesso em : 31 mai. 2016.

POZZO. Renata Rogowski; VIDAL. Leandro Moraes. O conceito geográfico de paisagem e as representações sobre a ilha de Santa Catarina feitas por viajantes dos séculos XVIII e XIX. Revista Discente. **Expressões Geográficas**, Florianópolis, ano VI, nº 06, p. 111 – 131. Jun. 2010. Disponível em: <http://www.geograficas.cfh.ufsc.br/arquivo/ed06/ed06_art06.pdf> Acesso em: 31 mai. 2016.

SABINA, Sandra Antonia Maria. **Festejos natalinos**: Início do calendário litúrgico (Mariana, 1945-1990). Mariana. 2003. Disponível em: <<http://www.ichs.ufop.br>> Acesso em. 20 mar. 2013.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção / Milton Santos**. 4. ed. 2. reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

_____, Milton. **Pensando o espaço do homem. / Milton Santos**. 5 ed., 1. reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2007.

_____, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado**. São Paulo: Hucitec, 1988.

SANTOS, I. S. O; CHIAPETTI, R. J. N. A leitura de paisagem no ensino de Geografia do 6º ano escolar. **Geografia Ensino & Pesquisa**, Santa Maria, vol. 18, n. 1, 2014. Disponível em: <<http://periodicos.ufsm.br/index.php/geografia/article/viewFile/9192/pdf>> Acesso: 6 mai. 2016.

SILVEIRA, B. R. ARAÚJO, R. V. Considerações sobre o conceito de paisagem e a aula de campo na Praça do Ferreira – Fortaleza – Ceará. **Geosaberes**. Fortaleza, vol. 4, nº 07, 2013. Disponível em: <<http://www.geosaberes.ufc.br/seer/index.php/geosaberes/article/viewArticle/214>>. Acesso em: 30 mai. 2016.

SCHIER, R. A. **Trajetórias do conceito de paisagem na geografia**. Curitiba, 2003. Disponível em: <<http://www.trabalhosfeitos.com/ensaios/Trajet%C3%B3rias-Do-Conceito-De-Paisagem-Na/503627.html>>. Acesso em: 30 mai. 2016. **SOUZA, E. F.** Os diferentes usos e políticas públicas aplicadas nas Praças das Bandeiras e São Luiz Oriane em Araguaína-To. Araguaína – To. **2006. 66 pg.**

SOUSA. R. O; OLIVEIRA, C. E. **A praça como lugar da diversidade cultural. Need, Unemat. [201-]. Disponível em: <http://need.unemat.br/4_forum/artigos/rafael.pdf>. Acesso em 15 mar. 2015.**

Apêndice
PLANO DE AULA

TEMA:

Paisagem

CONTEÚDOS:

A paisagem como categoria geográfica e seu conceito

A paisagem e suas diferentes formas no espaço

OBJETIVOS:

Analisar as imagens de diversos momentos da história da Praça São Luiz Orione e compreender as características da paisagem de cada momento

Observar como os símbolos culturais podem contribuir para a transformação da paisagem na praça no período natalino

METODOLOGIA:

1º aula: será feito uma análise do conceito de paisagem

2º aula a campo na Praça São Luiz Orione Araguaina-To

3º aula: será aplicado um exercício onde os alunos mostraram de forma expositiva como compreenderam e observaram a paisagem

RECURSOS DIDÁTICOS:

Fotografias da Praça São Luiz Orione

Imagens de diferentes paisagens

Aula a campo

AValiação:

Será avaliada a participação dos alunos na aula ministrada.

Ao final da aula os alunos devem demonstrar em forma de desenho, texto ou outro recurso, o que eles entenderam sobre o conceito de paisagem, fazer um paralelo do que achavam como era a paisagem antes e após a aula a campo. E argumentar se mudou ou não o seu conceito.

SANTOS, I. S. O; CHIAPETTI, R. J. N. A leitura de paisagem no ensino de Geografia do 6º ano escolar. **Rev. Geografia Ensino & Pesquisa**, Santa Maria, vol. 18, n. 1, 2014. Disponível em: <<http://periodicos.ufsm.br/index.php/geografia/article/viewFile/9192/pdf>> Acesso: 6 mai. 2016.

Geografia terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental parâmetros curriculares nacionais. Brasil. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: geografia** / Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/ SEF, 1998. Disponível em:< <http://portal.mec.gov.br>>. Acesso: 05/05/16

MYANAKI, J. **A paisagem no ensino de geografia: Uma Estratégia Didática a partir da Arte**. São Paulo, 2003. Disponível em: <<http://www.fozbartholomeumitre.seed.pr.gov.br>> Acesso em: 17/05/16